

Quem está olhando? Variações do público e do privado em weblogs, fotologs e reality shows

*Fernanda Bruno**

Este artigo analisa o estatuto do olhar do outro e o seu papel na reconfiguração dos limites entre o público e o privado nas práticas de exposição da intimidade em reality shows, weblogs e fotologs pessoais. Pretende-se compreender de que maneira as transformações recentes no papel do olhar do outro se articulam com as tecnologias de comunicação, mobilizando a exposição do que outrora se mantinha protegido do domínio público. A estratégia central do artigo é a de buscar nomear o que hoje representa esse olho 'público', o que ele encarna, exige ou incita, e de que maneira ele atua sobre os limites entre o que se mostra e o que se esconde. Tal análise pretende ainda lançar alguma luz sobre a subjetividade que se expressa e se produz nestas práticas.

tecnologias de comunicação - olhar - público/privado

The following paper focus on the other's look and its role in the changes of boundaries between the public and the private that appears in the practices of the exhibition of intimacy. The present goal is to understand how the recent changes in the other's look are articulated with communication technologies, showing what was unrevealed in the past in the public level. The paper approach is to

* Doutora em Comunicação e Cultura/UFRJ. Professora Adjunta do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura/UFRJ. Coordenadora do CiberIDEA - Núcleo de pesquisa em tecnologias de comunicação, cultura e subjetividade (fgbruno@matrix.com.br).

try to expose what this 'public' eye represents in the present, what it manifests, demands or stimulates, and how it works between what is showed and what is hidden. Such analysis tries also to enlighten subjectivity that appears and is produced in these practices.

Communication technologies – gaze - public/private

Para que olhar se dirigem as imagens que expõem a vida íntima e cotidiana de indivíduos comuns em *reality shows*, *weblogs* e *fotologs* pessoais? Como compreender esta exposição do que já esteve restrito a esferas privadas, distantes do olho público? O que representa o olhar do outro na cultura contemporânea para que ele seja tão requisitado? Estas questões já anunciam o que nos interessa explorar neste artigo: o estatuto do olhar do outro e o seu papel na reconfiguração dos limites entre o público e o privado, tendo em vista as práticas de exposição da intimidade nas tecnologias de comunicação. Tal exploração pretende ainda lançar alguma luz sobre a subjetividade que se expressa e se produz nestas práticas.

Sabe-se que as alterações nas fronteiras entre as esferas pública e privada têm sido uma marca da Atualidade e um dos vetores de distanciamento da Modernidade (Habermas, 1984; Sennet, 1988). As tecnologias de comunicação vêm ocupando um papel decisivo neste processo, a ponto de a mídia de massa ser considerada o próprio espaço público nas sociedades contemporâneas (Bucci & Kehl, 2004). A onipresença dos meios de comunicação de massa como mediação necessária da realidade social, política, econômica, cultural nos habituou a uma forma de existência desta 'realidade' que é intimamente dependente da sua visibilidade midiática. Todos sabemos que aí se pauta o que vem a ser de interesse comum, público. Esta esfera pública midiática já é parte de nosso cotidiano e nos é diariamente entregue em domicílio, penetrando em espaços tradicionalmente privados e afirmando-se como o médium por excelência que conecta o público e o privado. É claro que, como nos mostram diversos autores, esta esfera pública encontra-se cada vez mais privatizada e ordenada segundo as lógicas do consumo e do espetáculo (Debord, 1998; Bucci & Kehl, 2004). De toda forma, o que se pretende aqui ressaltar e analisar é a emergência recente de uma nova forma de mediação entre o público e o privado, efetuada pelas tecnologias de comunicação, aí incluídas tanto a mídia de massa quanto as novas mídias digitais.

Dos *reality shows* televisivos aos *weblogs* e *fotologs* pessoais, notamos não apenas uma reordenação da esfera pública pelas tec-

nologias comunicacionais, mas uma crescente penetração da esfera privada na cena pública midiática. E a vida privada aí encenada não é aquela das celebridades, já conhecida do gosto público, mas aquela do indivíduo comum. Este é chamado a ocupar o outro lado da tela, a passar de consumidor de imagens a ator de sua própria vida e de seu próprio cotidiano, naquilo mesmo que ele tem de mais corriqueiro e ordinário. É como se o princípio de visibilidade, que já se sobrepôs ao princípio de realidade no âmbito mais amplo da cena pública, se estendesse às vidas e existências privadas, que passam a requerer a visibilidade como uma espécie de direito ou condição almejada de legitimação e reconhecimento.

Como compreender essa recente instabilização dos limites entre o público e o privado, da qual as tecnologias comunicacionais são ao mesmo tempo os agentes e os sintomas privilegiados? Como interpretar esse crescente interesse pela exposição do que era mantido na esfera do segredo? Um dos principais aspectos destes novos fenômenos de exposição de si é a sua extrema 'demanda' pelo olhar do outro como meio de legitimação desta 'intimidade' que se dá a ver. Diante disso, não se pode deixar de perguntar o que se torna este olhar, do qual outrora a intimidade se furtava e se protegia. A estratégia central deste artigo será, pois, a de buscar nomear o que hoje representaria esse olho 'público', ao mesmo tempo de todos e de ninguém, tendo em vista compreender de que maneira ele se abate sobre a esfera privada, a subjetividade e o cuidado consigo. Tal estratégia partilha de uma perspectiva que supõe estreitas conexões entre o olhar e a formação da subjetividade, conexões historicamente constituídas e que nos mostram como uma série de cuidados que irão delimitar as práticas e regiões íntimas e privadas encontram sua gênese numa extrema atenção e cuidado com o olhar do outro.

No plano sociocultural, podemos traçar a gênese da subjetividade a partir de uma série de cuidados e controles do comportamento, da conduta, do decoro corporal externo, das práticas de limpeza, de saúde e de beleza que se constituem inicialmente numa forte atenção ao olhar do outro (Elias, 1994 e Vigarello, 1996). Este cuidado com o que é imediatamente visível ao outro é um aspecto

fundamental tanto na tessitura das relações sociais, das normas, regras de conduta e codificação dos costumes no processo civilizador (Elias, 1994), quanto na gênese da subjetividade, da interioridade, da intimidade. A hipótese histórica é a de que a atenção e o cuidado com o olhar do outro vão sendo progressivamente interiorizados e constituindo todo um campo de cuidados consigo, de autocontrole, autoregramento e autovigilância que passam a reger a esfera íntima e privada. Conforme Elias, a propósito dos tratados e preceitos de conduta e civilidade:

Embora seja ainda bem visível nos escritos de Courtin e La Salle que os adultos, também, foram inicialmente dissuadidos de comer com os dedos por consideração para com o próximo, por 'polidez', para poupar a outros um espetáculo desagradável, e a si mesmos a vergonha de serem vistos com as mãos sujas, mais tarde isso se torna cada vez mais um automatismo interior, a marca da sociedade no ser interno, o superego, que proíbe ao indivíduo comer de qualquer maneira que não com o garfo. O padrão social a que o indivíduo fora inicialmente obrigado a se conformar por restrição externa é finalmente reproduzido, mais suavemente ou menos, no seu íntimo através de um autocontrole que opera mesmo contra seus desejos inconscientes" (Elias, 1994:134-5).

Esta hipótese também é proposta por Vigarello, que em suas análises sobre a história da limpeza mostra "como são, em primeiro lugar, as superfícies visíveis do corpo e o olhar dos outros que oferecem seu código" (1996: 249). Numa história que tem seu início na Idade Média, o autor mostra que neste primeiro momento, "ser limpo é cuidar de uma zona limitada da pele, a que emerge da roupa, a única que se oferece ao olhar" (p.249). Mais tarde, o sentido e as práticas de limpeza passam por um progressivo distanciamento do olhar do outro, constituindo uma maior intimidade do corpo e uma "intensificação gradual dos auto-regramentos, 'levando' o asseio físico para além do visível, desenvolvimento de um trabalho de civilização, refinando e diferenciando até as sensações menos explícitas" (1996: 250).

No âmbito da constituição psíquica do sujeito, a psicanálise, especialmente Freud e Lacan, ressaltam a importância do olhar do outro na constituição e unificação do corpo narcísico do bebê, consolidando um primeiro sentido de 'eu' (Freud, 1980). Lacan (1987)

segue esta pista e elabora o conceito de estágio do espelho, segundo o qual o olhar do Outro Primordial origina o eu, concedendo-lhe uma imagem unificada e testemunhando a visibilidade que atesta a sua existência. Na esfera política, H. Arendt (1958) também vai atrelar a existência à visibilidade: o homem político só existe se se fizer visível ao outro no espaço público como sujeito da ação política.

Uma última referência indispensável concerne às análises de Foucault sobre a Modernidade, as quais mostram como a subjetividade moderna é inseparável dos dispositivos de visibilidade (Foucault, 1983). O poder disciplinar, que encontra o seu modelo ideal no Panóptico, atrela a produção de individualidades e subjetividades a todo um jogo de olhares e de uma "arte obscura da luz e do visível" (Foucault, 1983: 154), presentes nos diversos dispositivos e tecnologias, mais ou menos materiais, que constituem o mecanismo disciplinar.

Hoje, a crescente exposição da vida íntima e privada nos diversos meios de comunicação e a forte presença da imagem na relação que os indivíduos estabelecem com o mundo, com o outro e consigo apontam para uma subjetividade radicalmente próxima do olhar do outro e inserida num regime de visibilidade onde as tecnologias de informação e de comunicação têm um papel fundamental. É sempre possível reconhecer aí o ápice de uma cultura regida pelo narcisismo e pelo espetáculo (Bucci & Kehl, 2004), mas podemos ir além deste diagnóstico ou constatação e interrogar como as relações entre o olhar e a subjetividade são reconfiguradas no âmbito dos novos dispositivos de visibilidade constituídos pelas tecnologias de informação e de comunicação. Este artigo aposta na emergência de formas inéditas nas relações entre subjetividade e visibilidade que não se confundem nem com a arte da aparência das cortes, nem com a tópica psicanalítica da subjetividade, nem com a dimensão política da esfera pública descrita por Arendt, nem com as tecnologias disciplinares analisadas por Foucault.

O que interessa aqui analisar, já antecipamos, são as variações no que o olhar do outro representa, no que ele encarna, exige ou incita, pois vemos aí um interessante caminho para explorar as

transformações nos limites entre público e privado, entre o que se mostra e o que se esconde, o que se expõe e o que se mascara. Seguiremos essas variações, contrastando a Atualidade e a Modernidade, na medida em que aí se firmam muitos dos limites que ora se encontram em crise.

Como nomear o olhar público moderno? Um primeiro momento consiste no olhar que encarna os ideais republicanos, exemplarmente representados no sonho de Rousseau: "Se eu tivesse escolhido o lugar de meu nascimento, eu teria escolhido um Estado onde todos os particulares se conhecessem entre si, onde nem as manobras obscuras do vício, nem a modéstia da virtude poderiam se furtar aos olhares e ao julgamento do público" (*apud* Starobinsky, 1971).

O olho republicano representa o sonho de uma sociedade transparente, visível e legível, sem zonas obscuras e reguladas pelos privilégios do poder real. Nesta utopia política do olhar, a transparência pública se opõe aos interesses privados, associados a complôs e traições (Perrot, 1987). O olho público e a ilusão da vigilância democrática da opinião representavam um modelo de poder que se exerceria pelo simples fato de que as coisas seriam sabidas e vistas por um tipo de olhar imediato, coletivo e anônimo, sem fragmentos de noite (Foucault, 1993). Público contra privado: as Luzes contra "as câmaras escuras onde se fomentam o arbitrário político, os caprichos da monarquia, as superstições religiosas ... as ilusões da ignorância" (Foucault, 1993: 216). A transparência do olho republicano implica, portanto, afastar da vida pública os interesses privados ou politizar profundamente a vida privada, realizando o ideal de um novo homem remodelado em sua aparência, sua linguagem e seus sentimentos, o ideal de um sujeito pleno que conjugasse virtude pública e atitude privada (Perrot, 1987).

A transparência do olho republicano dá lugar, nas teorias políticas pós-revolucionárias, a toda uma tematização das relações entre público e privado onde estas esferas ganham contornos mais nítidos. Todo um cuidado em organizar os interesses privados e delimitar fronteiras mais precisas irá definir os espaços público e privado que a Modernidade acabou por consolidar. Tais espaços irão

manter relações de tensão e de oposição que espelharão uma série de outras partições tipicamente modernas – o estado e a sociedade civil, o indivíduo e a ordem social. O olhar do outro assume aqui um outro estatuto e se diferencia do ideal de transparência republicano, ainda que o lirismo de Rousseau se encontre transmutado na obsessão de Bentham (Bentham, 2000; Foucault, 1993). Mas a almejada transparência panóptica, em vez de fazer flutuar as fronteiras entre o público e o privado, vai conviver com o seu acirramento e com a constituição da esfera privada como um domínio legítimo do segredo (Prost, 1987; Corbin, 1991).

O olho público passa a ser associado à interdição e à norma, enquanto a esfera privada afirma-se como um lugar que pode escapar da penetração da ordem pública na vida cotidiana e como refúgio onde convivem intimidade e liberdade. O olhar do outro assume aqui uma forma superegóica, um olhar que encarna a lei, do qual ninguém se furta plenamente, posto que, segundo o diagrama moderno, não há indivíduo e subjetividade que se constituam fora deste olhar. Mas ao mesmo tempo, é preciso lembrar, exatamente por tudo isso que ele encarna e representa, o olho superegóico é também algo com o qual se entra em conflito. O olho panóptico, ainda que almeje a visão e a transparência totais, convive com uma intimidade e uma subjetividade que guardam regiões de sombra e opacidade (Bruno, 2004).

Exploremos um pouco mais esta designação do olho público moderno como um olho superegóico e seu rebatimento sobre a experiência privada. A designação não é gratuita; ela nos auxilia a compreender tanto as tensões e conflitos entre as esferas pública e privada, quanto entre as instâncias psíquicas da subjetividade moderna. Vejamos o que diz a definição psicanalítica de superego:

uma das instâncias psíquicas ... cujo papel é assimilável ao de um juiz ou de um censor relativamente ao ego. Classicamente, o superego é definido como o herdeiro do Complexo de Édipo; constitui-se por interiorização das exigências e das interdições parentais. ... para o indivíduo, o superego assume o valor de modelo e função de juiz ... surge principalmente como uma instância que encarna uma lei e proíbe a sua transgressão (Laplanche, 1999).

Esta definição estende-se facilmente ao olho público, na medida em que a ordem social e a própria civilização irão encontrar a sua condição nesta instância da interdição e da lei que chama à cena a consciência moral e impõe uma renúncia à natureza, aos instintos, pulsões e desejos. Não é por acaso que a culpa é o afeto privilegiado da subjetividade moderna, afeto secretado no conflito entre a cultura e a natureza, entre o coletivo e o individual, entre o superego e o id, entre o público e o privado. O sujeito pleno do ideal republicano dá lugar a um sujeito cindido - do político ao íntimo, a conflitualidade é o núcleo normativo do modo de vida democrático (Ehrenberg, 2000). Não é por acaso também, e enfim chegamos no ponto que mais nos interessa, que a esfera privada, ainda que seja atravessada por este olho superegórico, requisita uma dimensão íntima, secreta e protegida dos olhares públicos. O espaço interior da vida privada vai simultaneamente se individualizando e se complexificando, ganhando 'regiões' ao mesmo tempo mais íntimas e secretas - o leito e o quarto individuais, a toilette íntima, o espelho de corpo inteiro presente no quarto ou no banheiro. Tais 'regiões' afirmam-se seja como os bastidores do teatro social, onde o sujeito se prepara para enfrentar o olhar público, seja como refúgio do indivíduo, onde ele pode se entregar ao monólogo interior, aos prazeres solitários e a uma experiência de si (do seu corpo e de sua alma) ao abrigo de intrusões e olhares alheios.

Não é difícil perceber o quanto essa imagem e essa experiência da vida íntima e privada estão distantes daquelas que vemos nos *reality shows*, *fotologs* e *weblogs*. O que se torna o olhar do outro para que ele se afigure tão atraente e seja tão requisitado? Qual é o seu estatuto e o que ele representa para que a esfera privada seja um lugar de exibição e de exposição? Qual é o papel das tecnologias de comunicação neste processo? Se seguirmos as mesmas pistas utilizadas para pensar o olhar público moderno, podemos dizer que este olhar contemporâneo é regido não mais pelo superego e sim pelo ideal de ego. Para que esta designação faça sentido, é preciso considerar o cenário de individualização da existência e radicalização da responsabilidade por si mesmo nos diversos setores da vida

privada e pública contemporâneas, a progressiva privatização das trajetórias individuais e o paralelo declínio do encargo coletivo dos destinos individuais, antes atribuído a instituições e atores sociais organizados (Bauman, 1999 e Ehrenberg, 1995). No horizonte, a indeterminação, a incerteza e um futuro assustadoramente opaco radicalizam a 'privatização' da existência. O futuro deve ser forjado pelo próprio indivíduo na sua trajetória de auto-realização e muitas vezes deixa de ser um tempo de desejo para tornar-se fonte de ansiedade e obrigação. E se considerarmos o que hoje se entende como a via do sucesso e da realização pessoal, veremos que ela está mais ligada à superação de limites e à alta performance individual do que à aceitação de limites, a interdições superegóicas e à adequação a normas coletivas. Reciclagem, atualização e superação permanentes engajam o indivíduo numa moratória ilimitada em relação aos seus próprios limites. E este ideal de realização é inseparável de um cuidado com a imagem e com o olhar do outro, que é menos da ordem da interdição (que limita ou impede fazer o que se deseja) do que da ordem da performance (que incita estar à altura do seu desejo, do seu ideal). Basta pensarmos na proliferação dos discursos e manuais de marketing pessoal, auto-imagem, auto-ajuda e auto-estima: em todos eles, a palavra de ordem é – “primeiro é preciso *parecer* realizado para depois *ser* realizado” ou ainda “é preciso *ser visto* como bem-sucedido, para depois *tornar-se* bem-sucedido”. Passamos de Édipo a Narciso, da culpa ao medo de não estar a altura de si mesmo, do conflito ao fascínio da imagem. Se considerarmos as personagens que hoje simbolizam e encarnam o que seria o padrão normativo das sociedades e identidades contemporâneas, encontramos menos mulheres medianas (a mãe, a doméstica, rainha do lar e da vida regrada) ou modelos institucionais que se destacavam pela sua adequação à norma (o bom aluno, o bom trabalhador, o bom soldado), do que modelos e atrizes mais que belas e perfeitas, homens de negócio excessivamente ricos e 'inovadores', que vivem enfrentando riscos e desafios, esportistas excepcionais que 'vencem' os limites do próprio corpo. Vemos, pois, imagens do ideal de ego mais que do superego; inclusive são indivíduos cujo estatuto é inseparável de

sua imagem midiática, indivíduos onde se confundem a aparência e a essência, a ficção e a realidade, o público e o privado.

É neste contexto e diante deste olhar regido pelo ideal de ego que os meios de comunicação se tornam um lugar privilegiado de exposição da vida privada. Ou ainda, numa cultura regida pelo ideal de ego, a vida privada se volta para fora, em busca de um olhar que a reconheça e ateste a sua visibilidade. Intimidade e visibilidade se encontram intimamente atreladas e amplamente expandidas. As bordas do visível expandem-se tanto no que concerne ao que é digno de nota e visibilidade – ser visto não é mais privilégio dos seres e feitos extraordinários e estende-se ao mediano e ao comum a todos – quanto ao que é passível de ser exposto a outrem – a intimidade sai dos recantos da vida privada para tornar-se matéria privilegiada de exposição pública. Além disso, e extremamente importante, a visibilidade é tão mais efetiva quanto o seu lugar for a tela (seja de TV, seja de computador, de celulares ou de câmeras). A tela afirma-se aqui como o suporte privilegiado da relação consigo e com o outro.

As tecnologias de comunicação têm uma função central neste processo, pois elas oferecem uma cena pública para as experiências privadas e afirmam-se como instâncias de legitimação social do íntimo. Nota-se aí um novo estado do individualismo, extremamente atrelado à comunicação e à imagem, agora anunciados como “ao alcance” de todos. A presença do homem ordinário e sua vida privada nos ambientes comunicacionais efetuam um jogo ambíguo que diz bastar existir para ter o direito de ser visto num ‘mundo’ onde é preciso ser visto para existir. Além disso, as tecnologias comunicacionais realizam uma espécie de ‘conversão’ da vítima em herói de sua própria vida, do anônimo em célebre, do ego em ideal de ego. Esta conversão é sem dúvida uma das principais promessas dos *reality shows* e talvez ela não possa ser plenamente estendida às práticas de exposição da intimidade na Internet. De toda forma, nos dois casos a passagem à visibilidade confere uma ‘existência’ à vida privada dos homens banais cuja ‘consistência’ reside na exposição ao olhar do outro.

Nota-se aí o quanto a topologia e o regime de visibilidade da subjetividade contemporânea são estranhos a certos referenciais modernos (Bruno, 2004). As atuais tecnologias de informação e de comunicação são ao mesmo tempo testemunhas e agentes de produção de uma subjetividade exteriorizada, que encontra no olhar, escrutínio ou conhecimento do outro, o domínio privilegiado de cuidados e controle sobre si. Os rostos, corpos e cenas da vida diária retratados ou relatados nos *weblogs* (Sibilia, 2003) *fotologs* e *reality shows* assumem uma expressão prioritariamente superficial, onde toda subjetividade ali investida parece estar exposta. É importante notar que não se trata tanto da exteriorização de uma interioridade constituída, por natureza recôndita, que passa a se expor, mas de uma subjetividade que se constitui prioritariamente na própria exterioridade, no ato mesmo de se projetar e de se fazer visível a outrem. Depoimentos de “*blogueiros*” e estudos sobre a escrita de si na Internet mostram como a prática da exposição de si coincide com o processo de constituição do que os indivíduos tomam como seu ‘eu’ e sua identidade (Lemos, 2002; Recuero, 2003; Mc Neil, 2003).

Para visualizar o que estamos propondo, basta pensar na experiência estética diante dessas imagens – de modo geral, elas ou nos afastam, nos empurram para ‘fora’ delas, ou nos mantêm na sua superfície e extremidade; raramente nos convidam a ‘entrar’, como se não tivessem nada a relevar além do que se encontra exposto, como se não fizessem nenhuma alusão a algo que está sob, atrás ou além. São imagens sem sombra nem segredo, cujo princípio de visibilidade parece estender-se ao máximo. Poderíamos pensar a partir disso que não há nenhuma subjetividade ali, que se tratam de vidas e corpos ociosos, sem interioridade ou profundidade. No entanto, apostamos na emergência de uma outra modalidade de subjetividade que se configura segundo uma outra topologia, onde a interioridade ou a profundidade, ainda que permaneçam presentes, deixam de ser o foco de investimento, cuidado, controle, assim como deixam de ser a morada mesma da verdade ou do desejo do sujeito. Se a Modernidade produziu uma topologia da subjetividade e do cotidiano que circunscrevia o espaço privado e seus diversos níveis de vida interior – casa, família, intimidade, psiquismo

– a Atualidade inverte esta topologia e volta a subjetividade para o espaço aberto dos meios de comunicação e seus diversos níveis de vida exterior – tela, imagem, interface, interatividade.

Estamos aqui talvez mais próximos das subjetividades 'pré-modernas', cujas marcas de civilidade e sociabilidade residiam na aparência e no imediatamente visível. E fica ainda mais claro porque a cena comunicacional – da TV a Internet – torna-se palco da sociabilidade e da produção de subjetividades. Obscenidade, superficialidade e vitória da aparência sobre a realidade e a verdade? Ora, é preciso lembrar que o jogo da aparência é também o jogo do artifício. E neste jogo, a verdade é o que se mostra, pois não reside numa natureza ou numa interioridade prévia e mais autêntica, mas é produzida no ato mesmo de se mostrar. É certo que mostrar, como nos faz ver a arte barroca, é também uma forma de esconder, mas na superficialidade estética contemporânea o que é deixado para trás ou por trás da imagem, da aparência e do artifício não é mais verdadeiro que o que se mostra.

Assim como as cirurgias plásticas, a cosmética, o silicone e o *fitness* participam da construção artificial do corpo, assim como os psicofármacos assistem artificialmente a saúde psíquica, os *reality shows*, *weblogs* e *fotologs* apresentam-se como dispositivos de produção artificial do foro íntimo e da identidade. A experiência do corpo e do bem-estar psíquico produzidos artificialmente não pode ser facilmente qualificada de falsa ou inautêntica. Do mesmo modo, não é evidente a afirmação de que a intimidade construída na artificialidade das tecnologias de comunicação seja menos autêntica. Na ordem da aparência e da imagem, as 'coisas' podem muito bem valer pelo que elas não são, seja um corpo, seja uma intimidade. Ou ainda, o que eles são residem cada vez mais naquilo que eles se tornam e naquilo que deles se dá a ver. E neste mundo em que nossos corpos e almas ganham a plasticidade das imagens, a autenticidade também reside naquilo que se parece ser.

Cabe recuperar aqui a imagem do ideal de ego na definição do estatuto do olhar, da imagem e da aparência na produção contemporânea de subjetividades. E para entendermos melhor a relação

entre aparência e artifício neste contexto, é preciso mostrar como a reconfiguração das fronteiras entre público e privado vai de par com a redefinição dos limites entre natureza e cultura (ou artifício). Sabemos bem o quanto vivemos num movimento de aceleração tecnológica que vem transformando tanto a nossa cultura quanto a nossa natureza, numa crescente produção de seres híbridos. Diferentemente da Modernidade, a natureza não é um destino e, no limite, tudo ou quase tudo é artifício. E se tudo é artifício, tudo ou quase tudo é possível. Nem a alma nem o corpo são mais herdados ou fatalmente determinados; eles ingressam no domínio da escolha individual tecnicamente assistida. A beleza, a saúde e o bem-estar psíquico, por exemplo, são anunciados como 'bens' ao alcance de nossa escolha e ação individuais, como atestam a cosmética e a cirurgia plástica, a epidemiologia dos fatores de risco e a medicina genômica, as neurociências e os psicofármacos. A mensagem subliminar é a de que não é belo, saudável ou feliz quem não quer. Ou ainda, num mundo em que 'tudo é possível', o limite, aquilo que nos constrange ou nos impede de sermos quem desejamos não é algo que se impõe do exterior e se experimenta como uma restrição social, tal como na ordem pública superegóica moderna, mas algo que se aloja no próprio indivíduo e que é experimentado como fracasso ou insuficiência individual. Eis o que se dá numa ordem pública regida pelo ideal de ego: se não realizo o que desejo num mundo em que tudo é possível, a insuficiência é minha, o limite está em mim. E é para este indivíduo que deve estar à altura de seu ideal que se dirigem todos estes produtos de "capitalização" do corpo, da beleza, da saúde, da vida psíquica.

Tais processos e práticas assumem uma forma explícita e extrema nos recentes *reality shows* 'de intervenção' ou 'de transformação' (Feldman, 2004), que pululam na televisão contemporânea. Tratam-se de programas onde se documentam trajetórias de transformações individuais que vão desde mudanças no vestuário, na decoração da casa e na aparência (cortes de cabelo, *lipoaspiração*, *liftings* e *peelings*) a implantes de silicone, correções odontológicas e cirurgias plásticas. Estas últimas podem se justificar por padrões estéticos ou de saúde, ou ainda por desejos os mais imaginários, como no

caso do polêmico *I want a famous face* exibido pela MTV, cujo objetivo das cirurgias plásticas realizadas nos participantes é torná-los maximamente semelhantes aos seus ídolos midiáticos. Apesar das diferenças entre os programas, se os tomamos em conjunto notamos a promoção de uma equivalência entre as diversas superfícies em jogo – corpo, pele, decoração, roupa, estilo, tela. A equivalência não é apenas de ordem espacial, mas também temporal – malgrado as suas diferenças materiais e ‘de natureza’, o corpo, a roupa e a tela gozam de níveis de efemeridade cada vez mais próximos uns dos outros. Os programas ‘documentam’ trajetórias individuais que se dividem entre o ‘antes’ e o ‘depois’, reproduzindo a estética vulgar das revistas femininas e a idéia de que primeiro é preciso parecer algo para depois ser e agir como tal (Feldman, 2004).

Se o modelo do *Big Brother* ainda procurava revelar uma intimidade ou personalidade sob a cena testemunhada por uma vigilância idealmente ininterrupta, estes novos formatos parecem assumir que a verdade está mesmo na superfície e que a autenticidade reside na possibilidade de parecer outro. A estranheza e aparente contradição de certos depoimentos, recorrentes, dos participantes destes programas passam a fazer sentido, se vistos sob a ótica do ideal de ego – “Tive a coragem de mudar para ser eu mesmo”; “o meu corpo não correspondia ao meu verdadeiro eu”. Ora, se o eu é um ideal, ele está sempre adiante; além disso, ele se efetua no plano da imagem – daí o interesse em filmar e publicar o processo de transformação. Vale lembrar que há não muitos anos atrás as pessoas que se submetiam a cirurgias estéticas procuravam mantê-la em relativo segredo; hoje parece não bastar mudar a aparência ou o corpo, é preciso que esta mudança seja ela mesma convertida em imagem sob o olhar de milhões de espectadores. Eis talvez uma das principais astúcias destes laboratórios da autenticidade. Neste sentido, os *weblogs* e *fotologs* pessoais, assim como os *reality shows*, configuram-se como dispositivos artificiais de produção da intimidade e da subjetividade, o que mostra como certas transformações recentes no estatuto do olhar do outro cruzam e retraçam os limites entre o público e o privado e entre o natural e o artificial.

Notas

¹ Considerando os programas exibidos na televisão brasileira, os que acompanham trajetórias de transformações 'leves', como decoração, vestuário, aparência e estilo, incluem por exemplo Antes e Depois (People + Arts), Missão MTV (MTV), Esquadrão da Moda (People + Arts), Minha casa, sua casa (People + Arts), Queer eye for the straight guy (Sony). Entre aqueles que documentam cirurgias plásticas, correções odontológicas e implantes de silicone, estão Beleza Comprada (GNT), Extreme Makeover (Sony) e I want a famous face (MTV).

Bibliografia

ARENDDT, Hanah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENTHAM, Jeremy. "O Panóptico ou a casa de inspeção". In: SILVA, T.T. (Org). *O Panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BRUNO, Fernanda. "Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação". *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, Número 24, 2004.

BUCCI, Eugenio. & KEHL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004.

CORBIN, Alain. "Bastidores". In: PERROT, M. (Org) *História da vida privada 4: da Revolução francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

EHRENBERG, Alain. *L'Individu incertain*. Paris: Vrin, 1995.

_____. *La fatigue d'être soi*. Paris: Odile Jacob, 2000.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Ed. Zahar, 1994.

_____. *O processo civilizador - Vol. 1: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FELDMAN, Ilana "Intervenções "artísticas"?". Disponível em www.uol.com.br/tropico, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. "O olho do poder". In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

HABERMAS, J.. "Mudança estrutural da esfera pública". *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1984.

- LACAN, Jacques. *O seminário – Livro 2*, Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- LEMONS, André. "A arte da vida: diários pessoais e webcams na Internet". CD-Rom da XI Compós, 2002.
- MCNEIL, Laurie. "Teaching an old genre new tricks: the diary on the Internet". *Biography* 26. 1, winter, 2003.
- PERROT, Michelle; HUNT, Lynn. & HALL, Catherine. "Lever le rideau". In: Ariès, P. Duby, G. (Org.) *Histoire de la vie privée 5: de la Première Guerre Mondiale à nos jours*. Paris, Seuil. 1987.
- PROST, Alain. "Frontières et espaces du privé". In: Ariès, P. Duby, G. (Org.) *Histoire de la vie privée 5: de la Première Guerre Mondiale à nos jours*. Paris, Seuil. 1987.
- RECUERO, Raquel. "Weblogs Webrings e Comunidades Virtuais". Revista 404 NotFound. Edição 31, agosto de 2003. Disponível http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOf0und/404_31.htm, 2003.
- SENNET, Richard. *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SIBILIA, Paula. "Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica". CD-Rom da XII Compós, 2003.
- STAROBINSKY, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: la transparence et l'obstacle*. Paris: Gallimard, 1971.
- VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.